



DA PALETA CROMÁTICA À INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: REPRESENTATIVIDADE DA COR DA PELE NA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO CURSO TÉCNICO EM ARTES VISUAIS

FROM THE COLOR PALETTE TO ARTIFICIAL INTELLIGENCE: SKIN COLOR REPRESENTATION IN ANTIRACIST EDUCATION WITHIN THE TECHNICAL COURSE IN VISUAL ARTS

Anderson Pinheiro Santos¹

IFPE - PPGECI

Resumo: O presente trabalho apresenta atualização da pesquisa “Qual a cor da cor de pele?”, em desenvolvimento desde 2012, voltada inicialmente para estudantes da educação básica (anos iniciais, finais e ensino médio) e, posteriormente, para o curso técnico em Artes Visuais, na disciplina Fundamentos da Linguagem Visual. A investigação tem como objetivo problematizar as escolhas cromáticas automáticas na representação da pele em autorretratos e personagens, promovendo reflexões sobre representatividade e diversidade racial. A metodologia combina análise das produções visuais dos participantes, oficinas de criação com ênfase na exploração cromática e debates mediados sobre identidade e cor. Os resultados com a turma do semestre 2025.1 envolveram também a elaboração de prompts em programas de IA na representação de autorretratos com sua cor de pele e a percepção crítica de como esses programas/aplicativos apresentam modelos estereotipados dessas cores. Conclui-se que a pesquisa contribui para a elaboração de práticas pedagógicas antirracistas que valorizam a diversidade e consolidam uma abordagem crítica da cor como elemento cultural e político no ensino de artes visuais.

Palavras-chave: Cor de pele; Ensino de Artes Visuais; Educação antirracista; Diversidade racial.

Abstract: This paper presents an update on the research project “What Is the Color of Skin?”, developed since 2012, initially aimed at basic education students (early years, final years, and high school) and later extended to the Technical Course in Visual Arts, in the subject *Fundamentals of Visual Language*. The study aims to problematize automatic chromatic choices in the representation of skin in self-portraits and characters, fostering reflections on representativeness and racial diversity. The methodology combines analysis of participants’ visual productions, creative workshops with an emphasis on chromatic exploration, and mediated discussions on identity and color. Results from the 2025.1 semester cohort also included the creation of prompts in AI programs for representing self-portraits in participants’ own skin tones and a critical examination of how these programs/applications reproduce stereotyped models of these colors. The study concludes that the research contributes to the development of anti-racist pedagogical practices that value diversity and consolidate a critical approach to color as a cultural and political element in visual arts education.

¹ Mestrando PPGECI, linha Movimentos Sociais, Práticas educativo culturais e identidades, com orientação do professor Maurício Antunes (FUNDAJ/UFRPE). Especialista em Arte e Educação. Licenciado em ensino de Arte. Professor EBBT no IFPE Olinda no curso técnico subsequente em Artes Visuais; ID Lattes: 7579773456982964. E-mail: anderson.pinheiro@olinda.ifpe.edu.br



Keywords: Skin tone; Visual Arts Education; Anti-racist education; Racial diversity.

1 INTRODUÇÃO

No início da década de 2010 havia escassez de materiais artísticos para representar tons de pele, restritos a variações claras. Também eram raros livros infantis e referências de artistas sobre o tema, o que limitava recursos pedagógicos e reforçava invisibilidades raciais. Desde 2013, pesquisas pessoais sobre materiais artísticos ligados à diversidade da cor da pele têm subsidiado o planejamento pedagógico, como na produção de tintas que permitem aos estudantes representarem a si, familiares e amigos em retratos e autorretratos.

As produções artísticas, os materiais e a literatura reunidos ampliaram referências que comprovam a viabilidade de ensinar diversidade, contribuindo para uma sociedade mais empática. Ao trabalhar os tons de pele, educadores/as ajudam a desconstruir padrões excludentes e a valorizar a pluralidade. Esses conteúdos seguiram presentes em sala de aula até então. Em 2025, inspirados por tendências visuais na internet, estudantes foram convidados a criar autorretratos por meio da Inteligência Artificial, a partir dos conceitos da disciplina Fundamentos da Linguagem Visual.

O experimento revelou estereótipos de cor de pele e outras características raciais na produção da IA. Este texto apresenta a pesquisa atual e alguns resultados estudantis como reflexão sobre o processo imagético.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A representatividade nas artes visuais

Entre 2010 e 2015, artistas como Adriana Varejão, Pierre David e Angélica Dass foram referências iniciais por abordarem a diversidade racial nas artes. Varejão, a partir do censo do IBGE de 1976, produziu 33 tubos de tintas e autorretratos baseados nas autodeclarações raciais. Pierre David, francês radicado em Salvador, criou em 2009 o projeto *Nuancier*, que reuniu tintas e uma cartela de cores de pele. Angélica



Dass, com o *Humanae Project* (2012), criou uma paleta global de tons de pele a partir de retratos fotográficos em formato 3x4, semelhante a uma tabela Pantone.

Entre 2015 e 2020, novos nomes ampliaram o debate, como Dalton Paula, que em 2018 apresentou no Museu da Abolição a série *Cor de Pele*, cobrindo o corpo negro com band-aids ou ataduras cirurgicas ditos “cor de pele”, questionando a padronização desse conceito.

No período de 2020 e 2025 a lista de artistas que tratam dessa temática e que pode ser usada como referência é gigante e podemos citar alguns para esse estudo como Eustáquio Neves (PB), Moisés Patrício(SP), Glenn Ligon (EUA), Toyin Ojih Odutola (Nigéria/EUA), Ianah Maia (PE), Jeff Allan (PE), etc.

2.2 A representatividade na literatura infantil

Um levantamento (SANTOS, 2024) mostrou que entre 2010 e 2020 a literatura infantil sobre cor da pele ainda era escassa, apesar de obras pioneiras como *Menina bonita do laço de fita* (Ana Maria Machado, 1986) e *O menino marrom* (Ziraldo, 1986). Na década de 2010 surgiram obras como *E pele tem cor?* (Fabiana Barboza, 2012), em que um protagonista branco reflete sobre o “lápiz cor de pele”, e *A cor de Coraline* (Alexandre Rampazo, 2017), que traz uma protagonista negra para a mesma discussão.

Outras obras com protagonismo negro surgiram, ainda que tratando de diferentes temas. Para Silva et al. (2020, p. 181), a literatura infantil que valoriza culturas diversas favorece autoestima, ancestralidade e identidade. O que confirma o conceito de Rudine Sims Bishop que os livros funcionam como espelhos, janelas e portas de vidros deslizantes². Segundo a educadora

Books are sometimes windows, offering views of worlds that may be real or imagined, familiar or strange. These windows are also sliding glass doors, and readers have only to walk through in imagination to become part of whatever world has been created and recreated by the author. When lighting conditions

² “Mirrors, Windows, and Sliding Glass Doors”



are just right, however, a window can also be a mirror. Literature transforms human experience and reflects it back to us, and in that reflection we can see our own lives and experiences as part of the larger human experience. Reading, then, becomes a means of self-affirmation, and readers often seek their mirrors in books. (BISHOP, 1990, pág. 1)

O que fortalece a ideia que a sala de aula com seus artefatos também fortalece identidades e valores sociais. A ausência de representatividade em materiais artísticos reforça desigualdades e pode gerar sentimentos de invisibilidade.

2.3 A representatividade nos materiais artísticos

A paleta de lápis “cor de pele” motivou esta pesquisa, pois a ausência de tons diversos era um problema no ensino de artes visuais. A cor escolhida por crianças ao pintar figuras humanas revela padrões sociais naturalizados. O uso do bege-rosado como “cor de pele” reflete herança colonial eurocêntrica, que associa humanidade ao branco e invisibiliza pessoas negras, indígenas e outras tonalidades, reforçando estigmas.

Somente na última década surgiram paletas inclusivas com variações de pele, avanço simbólico e político que reconhece a diversidade racial como valor social e educacional. Contudo, esses materiais ainda chegam de forma desigual às escolas públicas, onde estudam majoritariamente negros e indígenas, ficando sua presença dependente da iniciativa de docentes ou projetos específicos.

Para estruturar uma educação antirracista, segundo Silva, Botelho e Silva (2025), é preciso considerar as trajetórias formativas dos envolvidos/as levando em conta os aspectos sociais, culturais, profissionais, políticos e identificação dos sujeitos com os meios que comprovam suas existência no mundo. O sujeito foco do artigo citado acima são docentes em seu formativo cotidiano “uma vez que o racismo é contínuo, constante e cruel, uma vez que se reconfigura por meio de memória hegemônica refinando as formas de subjugação/silenciamento” (Pág. 2)



Mas se atentarmos para os materiais disponíveis para essa reflexão antirracista verificamos que só em 2016, com o aparecimento da marca Koralle³ com seus seis gizes de cera com diferentes tonalidades de peles escuras é que vamos percebendo uma mudança de novos materiais artísticos dentro da temática da pesquisa.

Em 2018, a Faber-Castell lançou a linha de lápis de cor “*Caras & Cores*”, disponível nas caixas de 12 e 24 lápis. Com curadoria do coletivo de artistas negros, o MOOC⁴, essas caixas possuíam inicialmente três lápis com duas pontas cada, cujas cores se misturavam criando uma diversidade de outros tons de peles. Quase no final da década de 2010, apareceu no mercado uma linha de materiais com qualidade melhor, conhecida como “*Super soft*” possuindo variedades de tons relacionadas a cor de pele tanto no lápis de cor quanto na caneta hidrocor. Hoje já encontramos outras marcas como Multicolor, Cis e Tris, por exemplo, que produzem lápis de cor com diversos tons de peles.

2.4 A prática nas salas de artes – Anos iniciais e finais do Fundamental

Ao começar a trabalhar efetivamente com os alunos da educação fundamental, percebi que os desenhos se repetiam em alguns estereótipos de figuras humanas brancas, de cabelos lisos e olhos claros. Um determinado problema ficava mais evidente, o *da pele*.

Curiosamente, em atividades que envolviam a representação gráfica humana e o uso da cor, a pergunta mais comum dos estudantes era como *fazer* a cor da pele. A solução aparente era dialogar com os estudantes sobre a existência de diversas cores *de pele*, levando-os a refletir sobre qual cor ele gostaria de representar. O resultado em pinturas e esculturas ficaram mais ricos e expressivos após esses

³ A “marca Koralle, em conjunto com a Uniafro (Programa de Ações Afirmativas para a População Negra), inovou em 2016 ao lançar uma cartela de giz de cera com 12 opções de cores para representar a pele.” Inicialmente a caixa só possuía 6 cores e hoje já encontra com 24 variações de tons.

⁴ O MOOC é “Formado por oito jovens negros moradores da periferia paulistana e é composto por Catarina Martins, Kevin David, Suyane, Raphael Fidelis, Lídia Thays, Louis Rodrigues, Vinni Tex e Levis Novaes”. Acesso em: <https://www.vice.com/pt/article/conheca-o-coletivo-de-arte-moda-e-design-mooc/>



estudos e referências, e os conceitos apresentados verbalmente pelas turmas também.

2.5 A prática nas salas de artes – Ensino Técnico

No curso técnico subsequente em Artes Visuais, no IFPE Olinda, a prática de pensar sobre a representação de sua cor, e a do outro, ganhou outro aspecto já que consiste em um público majoritariamente jovem saído do ensino médio. Para ajudá-los nessa percepção foram visualizados os mesmos e mesmas artistas que foram apresentados aos estudantes da Educação Fundamental com atualização de novos nomes e trajetórias, porém sem acesso às imagens dos livros infantojuvenis.

No entanto esse público está presente na nossa trajetória desde 2021 e nesse período novos materiais também apareceram no mercado. Assim como uma reflexão mais consistente no mundo das Artes Visuais. Desde 2022, especificamente na disciplina Fundamento das Linguagem Visual, esse conteúdo tem aparecido dentro do estudo sobre a cor e a representação de si, do outro e de personagens.

Mas, é 2025 que o tema cor de pele ganha um outro tipo de reflexão: o modo como os programas de reconhecimento facial e de inteligência artificial apresentam o público não branco nas representações digitais.

Buolamwini (2020), pesquisadora do Instituto de Tecnologia de Massachusetts expôs, em seu livro *Unmasking AI*⁵ (Random House Trade Paperbacks, 2024), como os serviços de IA das grandes empresas mundiais apresentam em seus serviços o preconceito racial e de gênero. Ela ainda comenta que as máquinas são espelhos tanto das ambições quanto das limitações dos sujeitos que os criam. Em 2017, a pesquisadora também publicou um artigo (Gender shades⁶) que nos alerta como as IA detectam equivocadamente as pessoas pelos seus tons de pele, principalmente mulheres negras.

⁵ tradução livre, *Desmascarar a IA*.

⁶ Podemos saber mais em "Algorithmic Bias: creating exclusionary experiences and discriminatory practices" (Ted, 2016), disponível em <https://www.npr.org/2018/01/26/580619086/joy-buolamwini-how-does-facial-recognition-software-see-skin-color>



3 A relação entre a IA e a IA – Inteligência Artística versus Inteligência Artificial

No semestre de 2025.1, uma nova proposta foi pensada para a construção de seus autorretratos como personagens, ainda no primeiro período. Levando em conta uma moda virtual de transformar fotografias em desenhos com estilos já consagrados nos meios artísticos e da animação, utilizando a IA, a proposta foi estruturar como a descrição de uma imagem sobre como queremos nos representar vai ser interpretada pela IA. E, além disso, se o resultado não for o esperado, como ajustar o comando (*prompt*) para conseguir o resultado almejado.

Essa atividade gerou um incômodo em alguns poucos estudantes pelo discurso de como a IA se apodera da produção artística. A ideia era justamente provocar nos/nas discentes como a IA depende da nossa descrição, já que são as pessoas que constroem as imagens. Depois iríamos executar nossas imagens de modo manual e usar a descrição como referência. Entretanto, uma outra questão mais séria começou a aparecer.

É preciso esclarecer que antes de passar a atividade para os estudantes o professor-pesquisador-autor experienciou com suas próprias construções de imagens com os prompts. Os resultados foram controversos, quanto a altura e ao peso. Conforme novos comandos foram sendo ajustados, novas imagens foram sendo criadas.

Porém, o autor percebeu que a IA sempre o identificava como uma pessoa da cor branca, mesmo sem informá-la no *prompt*. Quando a informação o descrevia com barba e cabelos cacheados, a cor da pele mudava. Sendo assim, o estudo continuou em perceber que quando a cor da pele era indicada, o perfil corporal da pessoa mudava também. Foram utilizados também alguns termos de cor de pele constante na lista de 1976 do IBGE, mas aqui serão apresentados dois resultados: café com



leite e marrom caramelo⁷, além dos primeiros resultados imagéticos e da representação da cor indígena compreendida pela IA.

Figura 01 – Autorretrato do autor, como boneco realista, através da IA, representado nas cores branca, café com leite, marrom caramelo e indígena



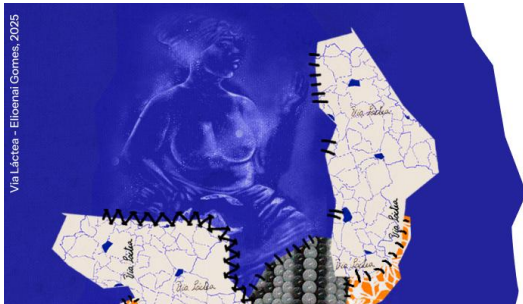
Fonte: Fotografias do autor

Ao passar a atividade aos estudantes esses resultados entre outros foram apresentados. Os estudantes confirmaram que a IA apresentava resultados estereotipados sobre cores de pele e características raciais. Ao final da atividade da atividade, solicitei, de maneira voluntária para a pesquisa, que respondessem um questionário onde podemos conhecer suas percepções.

Conseguimos 20 respostas e verificamos que foram usados os programas/aplicativos Chatgpt, Gemini, Seaart, Ideogram e Microsoft designer para a construção das imagens. 75% desses estudantes indicaram que acreditam que a IA reproduzem estereótipos raciais em seus resultados. Na continuidade foi questionado se essa situação tinha acontecido com eles/elas e houveram várias respostas e destacamos algumas abaixo.

- “Sim. Após enviar a segunda foto, o chatGPT produziu a imagem de uma pessoa acima do peso e com os olhos azuis. Provavelmente, ele deduziu isso, a partir do meu rosto redondo e o reflexo dos óculos na foto.”

⁷ Esse foi o termo respondido por uma criança do 4º ano dos Anos Iniciais do Fundamental, que se auto identificou assim após pesquisa na sala de aula em 2013.



- “Essa IA que utilizei não entende o termo *“pele morena”*. Ele entendia apenas como cabelo mais escuro, mas a pele continuava clara.”
- “Fez uma imagem de uma mulher branca. Embora eu não tenha passado essa informação.”
- “O Chatgpt cria estereótipos raciais e visuais indevidamente. O meu primeiro prompt: *Faça um personagem feminino com visual realista. Uma boneca sorrindo, vestindo um avental de pintura. Essa boneca está dentro de uma caixa com a frente transparente e além da boneca estão um pincel e uma paleta de cores. em tons pasteis e escrito na frente da caixa - Mariana Almeida - Edição Exclusiva.* Então ele fez uma imagem de uma mulher branca que representa uma artista. Em seguida perguntei: *Porque vc me fez branca?* e o chat respondeu: *A boneca gerada segue um estilo padrão da estética toy art, que costuma simplificar traços e usar cores suaves ou neutras — não foi uma escolha baseada em você. Eu não tenho acesso à sua aparência e, para representar você com fidelidade, preciso que me envie uma foto sua ou descreva suas características (tom de pele, cabelo, etc.). Posso refazer a imagem com essas informações se quiser. Deseja isso? Então escrevi apenas: Faça uma boneca minha como uma lavadeira com uma trouxa de roupa. E o chatgpt fez uma imagem de uma mulher negra, baixa, forte e com cabelos crespos. Em nenhum momento eu falei sobre a cor, raça, tipo de cabelo. Então “ele” fez suas próprias conclusões.*”

Figura 02 – Autorretrato das estudantes A e B, através da IA



Fonte: Fotografias do autor



Dialogando com os/as estudantes sobre essas respostas da IA e se essa foi uma atividade que lhe incomodou, alguns responderam que sim. Um estudante escreveu que incomodou “Um pouco, pois de início não tinha entendido que o ponto era perceber os estereótipos raciais e não a imagem gerada em si”. Isso porque alguns ainda estavam resistentes com o fato de criar uma produção artística usando IA.

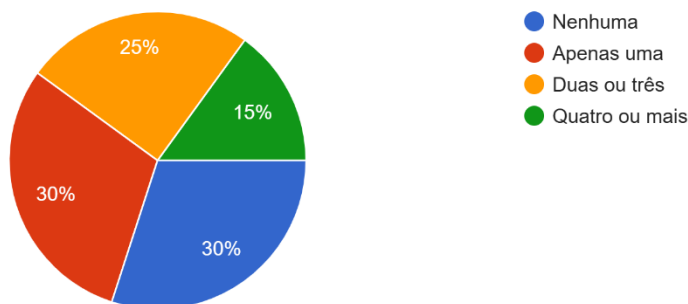
Outro estudante relatou seu incômodo de precisar refazer seu autorretrato algumas vezes porque a IA o representava com a cor do fundo da fotografia e não com sua cor de pele negra. Ele disse que “Tive diversos problemas como ser representado em cor laranja.”

Uma estudante expôs a seguinte situação: “não descrevi minha cor de pele, mas a IA definiu uma pele clara (branca) ao executar o prompt.” E reconhece que “mesmo a IA acertando meu tom de pele, tenho o conhecimento de que o mesmo não ocorre com pessoas de outros tons de pele (negros, pardos, amarelos, indígenas, etc.).” Essa mesma discente explicou que algumas pessoas da turma colocaram fotos para serem melhor representadas quanto a cor de suas peles e disse que “colegas de turma só conseguiram alcançar o tom de pele na atividade depois de anexar uma foto ou descrever detalhando seu tom de pele, o que mostra um padrão de predefinição racista das IAs.”

Figura 03 – Gráfico de pesquisa em Formulário do Google sobre uso de fotografia com a IA

Você anexou alguma fotografia sua no processo?

20 respostas



Fonte: Imagem do autor



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de artistas, obras literárias ilustradas e materiais artísticos que representem a diversidade de tons de pele evidencia que a educação em artes visuais vai além da dimensão estética, funcionando como ferramenta de transformação social. Experiências com estudantes do ensino técnico demonstram que a diversidade racial, frequentemente negligenciada em ambientes educacionais, pode ser promovida por práticas pedagógicas que valorizem diferentes identidades, estimulando a reflexão e a apreciação da pluralidade presente na sociedade.

O surgimento de recursos como lápis de cor de variados tons, exemplificados pelas coleções Caras & Cores e Super Soft, e a análise de obras de artistas que abordam questões raciais, como Adriana Varejão, Angélica Dass e Dalton Paula, proporciona aos estudantes vivências críticas e significativas. Esses elementos permitem o diálogo sobre temas estruturais, como racismo e exclusão social, dentro do contexto das aulas de artes visuais, oferecendo uma experiência pedagógica sensível e enriquecedora, capaz de fortalecer a autorrepresentação e o reconhecimento das diferentes identidades.

Assim, a formação de sujeitos em artes visuais deve incluir reflexões sobre diversidade racial, equipando educadores com instrumentos teóricos e práticos para mediar e organizar dinâmicas de diversidade em sala de aula. Somente por meio de uma prática educativa consistente e inclusiva, os professores podem se tornar agentes de transformação, promovendo o respeito às diferenças, a valorização da pluralidade cultural e a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e sensível às questões raciais.

Conforme bell hooks (2013, p. 25), afirma que “a educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” desde que docentes e discentes se engajem criticamente com o mundo, como participantes ativos. Nesse sentido, a inclusão de artistas e obras literárias ilustradas que apresentem a diversidade vai além do campo educacional, funcionando como ferramenta de transformação social. A experiência relatada demonstra que, com artefatos



pedagógicos adequados, é possível promover a representatividade e o reconhecimento das múltiplas identidades dos estudantes, contribuindo para uma educação mais inclusiva e antirracista.

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Fabiana. *E pele tem cor?* Rio de Janeiro: Mazza Edições, 2012.

BISHOP, Rudine Sims. Mirrors, windows, and sliding glass doors. *Perspectives: Choosing and Using Books for the Classroom*, v. 6, n. 3, p. ix–xi, 1990.

DASS, Ângela. *Humanae Project*. Disponível em: <https://www.angeladass.com/humanae>. Acesso em: 17 nov. 2024.

DAVID, Pierre. *Nuancier*. 2009. Disponível em: <http://www.pierredavid.net>. Acesso em: 17 nov. 2024.

hoohs, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. Ilustrações de Claudius. 9ª ed. São Paulo: Ática, 2019.

PAULA, Dalton. *Série Cor de Pele*. Exposição “Os da minha rua”. Recife: Museu da Abolição, 2018.

RAMPAZO, Alexandre. *A cor de Coraline*. São Paulo: Rocco, 2017.

SILVA, Erica Bastos da; BORGES, Núbia Lúcia Novais da Silva; SILVA, Patrícia de Jesus. *Protagonistas negros na literatura infantil brasileira: breve histórico e perspectivas contemporâneas*. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 7, n. 22, p. 178-187, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4067>. Acesso em: 17 nov. 2024.

SILVA, Camila Ferreira da. BOTELHO, Denise Maria. Silva, Janssen Felipe da. Prática docente antirracista e início da carreira profissional docente: tecendo caminhos de aproximação com a exterioridade colonial. *Revistas Cacto – Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade*, vol. 5, n. 2, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.31416/cacto.v5i2.1706>. Acesso em: 04 set. 2025.

VAREJÃO, Adriana. *Polvo Portraits*. 2013. Disponível em: <http://www.adrianavarejao.com>. Acesso em: 17 nov. 2024.